

três por quatro

Jornal Laboratório

FABICO - UFRGS

junho a agosto/1993



SYLVIO SIRANGELO



Entrevista coletiva serviu de base para trabalho acadêmico

Separatismo a três por quatro

O desafio apresentado na disciplina Produção e Difusão em Jornalismo Gráfico era, a partir de um tema único, verificar como os onze alunos ocupavam o espaço da página atribuída a cada um. Uma entrevista coletiva na própria Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS forneceria as informações preliminares

Esta proposta ganhou impacto, no entanto, quando, por iniciativa dos alunos, o tema escolhido foi o separatismo e o convidado para expor suas idéias revelou-se igualmente polêmico: Irton Marx, o gaúcho que pretende criar um novo país com a utilização das terras e populações do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nas páginas seguintes está o resultado

do encontro realizado na noite de 30 de junho. Seu conteúdo varia da análise mais aprofundada à simples reprodução do pensamento do entrevistado, passando pela ironia e, em alguns casos, pelo que pode até mesmo ser considerado um endosso das posições separatistas de Irton Marx e seus companheiros de movimento.

Não cabe, neste texto de apresentação, opinar sobre a qualidade dos trabalhos apresentados. Nem estabelecer juízos de valor sobre a tese defendida pelos separatistas. Isto porque toda a atividade foi concebida como um exercício didático. E assim deve ser entendida esta edição do jornal "3x4", órgão laboratorial da FABICO/UFRGS.

(Profs. Mário Rocha e Rubens Weyne)

**Pampa fechará
as fronteiras
para imigrantes**

**Irton Marx quer
plebiscito para
dividir o Brasil**

**Novo País terá
a energia da
Itaipu Trinacional**

A maior hidroelétrica do mundo

Itaipu, a maior usina hidroelétrica do mundo, começou a ser construída no rio Paraná pelo Brasil e o Paraguai em 1970 e foi oficialmente inaugurada em 1982. O custo da obra ficou em torno de US\$ 15,3 bilhões e foi dividido entre os dois países.

A capacidade final da usina é de 12 mil MW. A maior parte da energia que cabe ao Brasil é consumida pelos estados do Sudeste. Os três estados do Sul são obrigados a comprar energia de Itaipu por um preço maior do que o da produzida pelas usinas da Eletrosul.

Separatistas prometem encampar Itaipu

Irton Marx diz que tem contatos no Paraguai e que vai ocupar a usina para garantir abastecimento de energia à República do Pampa

Eduardo Salgado

O líder separatista, Irton Marx, assegurou na quarta-feira, 30 de junho, que não faltará energia elétrica aos três estados do Sul, caso eles se separem do resto do Brasil, formando um novo país. Se houver a separação, a República Federal do Pampa comunicará aos governos brasileiro e paraguaio que a usina de Itaipu passará a ser uma "trinacional".

Na opinião de Marx, os dois países que construíram a usina não impedirão a entrada de um novo parceiro. O líder separatista confirmou que já tem contatos no Paraguai. "Nós vamos ocupar", disse se referindo à Itaipu. Marx está seguro de que até dezembro os "pampeanos" irão comemorar a criação da nova pátria.

A região Sul não é auto-suficiente em energia e isto inviabiliza qualquer projeto separatista. Sem a maior hidroelétrica do mundo, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Paraná ficariam parte do tempo no escuro.

EMPRESARIADO

Problemas no abastecimento de energia elétrica, afastariam indústrias

impedidas de produzir.

Embora reconhecendo que nunca teve contato algum com os grandes empresários gaúchos, Marx garantiu que, em caso de separação, não haveria uma fuga do capital. A prova está nos telefonemas que ele diz receber: "O empresariado de São Paulo vive ligando para a sede em Santa Cruz, pedindo informações porque quer transferir suas empresas para cá". Quando foi perguntado quem seriam estes empresários, o presidente da República Federal do Pampa desconversou em nome da segurança destas pessoas.

CARVÃO

Irton Marx defendeu o uso do carvão como alternativa para a questão energética. "Vamos gerar muita eletricidade em cima das termoelétricas", disse.

O líder separatista também se mostrou preocupado com as consequências da combustão do mineral e prometeu evitar a poluição do meio-ambiente.

FRASES DE IRTON MARX

"O Japão exporta tecnologia para ter feijão para comer."

"A nossa renda per capita (RS) é uma das mais altas do mundo".

"Sou obrigado a dizer bye-bye?

Mas o que é isso?

Quer dizer que inglês, francês e jacob pode-se falar. Alemão não."

"Se a cultura deles (os nordestinos) desse certo, nós estaríamos iguais a eles em todos os campos."

HISTÓRIA DA REPÚBLICA DO PAMPA

15 de dezembro 1986 - É criada a bandeira do movimento

18 de fevereiro 1990 - É fundado o Movimento Separatista do Pampa em Santa Cruz (RS).

18 de março 1990 - São abertos os comitês de Florianópolis e Curitiba.

1º de setembro 1990 - É lançado o livro "Vai nascer um novo país: República do Pampa", de Irton Marx.

23 de maio 1993 - É aberto o comitê de Porto Alegre.

30 de maio 1993 - Tiros são disparados contra a casa de Irton Marx.

06 de junho 1993 - Em Santa Cruz (RS), 33 pessoas participam da reunião em que é "proclamada" a República Federal do Pampa, "separando" Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e criando um "Conselho de Estado".

QUEM É O LÍDER DOS SEPARATISTAS?

nome: Irton Marx

idade: 45 anos

profissão: proprietário de uma confecção de camisas

estado civil: solteiro

domicílio: Santa Cruz (RS)

FONTE: Irton Marx

Expediente

Jornal Laboratório dos alunos do sétimo semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Elaborado pela turma 1993/1 de Produção e Difusão em Jornalismo Gráfico sob a supervisão dos professores Mário Rocha e Rubens Weyne. Produziram esta edição: Sylvio Portinho Sirangelo, Ieda Elisabeth Fumagalli, Carla de Andrade Fernandes Silva, Eduardo Salgado, Fernanda d'Azevedo Magnus, Luisa Helena Gayer Vaghetti, Egidio Balduino Pandolfo, Helena Kruger Scheidemandel, Adriana Brendler, Paulo Gilvane Borges, Leonardo Schneider, Sílvia Ramos Lago. Chefe do Departamento de Comunicação: Prof. Ricardo Schneiders da Silva. Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Profa. Ana Maria Dalla Zen. Reitor da UFRGS: Prof. Héglio Trindade. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Bairro Santana - CEP 90035-007, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Composição e diagramação: Núcleo de Editoração Eletrônica - Fabico. Impressão: Gráfica da UFRGS

RS não pertence ao Brasil desde 1835

Embora já seja de direito uma República, o Rio Grande do Sul vem buscando agora a sua definitiva separação através da iniciativa de gaúchos insatisfeitos com o tratamento do governo federal. A idéia é conseguir para o Estado tudo aquilo que não se consegue obter para o Brasil.

Helena Scheidemandel



O ideal separatista é no Rio Grande do Sul uma questão histórica que, se ainda não se concretizou, tem exatamente na História a sua explicação legal para continuar existindo. O Estado é, desde 1835, uma República, e o Tratado de Ponche Verde em 1845, que deu fim à Revolução Farroupilha, não incluía a reanexação do território ao Brasil. Daí a bandeira e o brasão do Estado trazerem a inscrição "República Rio Grandense", além do hino gaúcho retratar a comemoração da independência da República.

A novidade é estender o ideal do novo país a Santa Catarina e Paraná, como pretende o movimento, liderado pelo escritor, comerciante e pesquisador político Irton Marx. Já controvertido após sua meteórica aparição no "Fantástico", da Rede Globo, Marx teve sua vida investigada, sofreu um atentado, e agora busca emprestar a sua duvidosa fama ao movimento em si. Em entrevista coletiva na FABICO, ele definiu as linhas básicas daquilo que espera para o novo país.

PAMPA

A possível criação da República Federal do Pampa se dá no momento em que o mundo todo se fraciona em novos países. Curiosamente, segundo Irton Marx, a Imprensa vem apoiando as emancipações no mundo, embora combata tão ferrenhamente essa realidade no país.

Ainda segundo Marx, os três estados "pampeanos" se destacam no Brasil apesar da crise. A renda per capita é de seis mil dólares na região Sul, índice comparável a países de Primeiro Mun-

do. A estrutura já existente facilitaria o atendimento às necessidades básicas da população, sem a perda de recursos hoje imperativos por ordem do governo federal.

A idéia é equacionar os problemas dos três estados com recursos próprios, provando a força do Sul. Mas isso esbarra na indissolubilidade da federação prevista no artigo primeiro da Constituição Federal. Como aponta o Deputado estadual Hélio Musskopf, PMDB, a mesma Constituição que coloca no artigo sétimo o direito de todo trabalhador a um salário digno para garantir a sua



Musskopf: "Nós queremos um país sério".

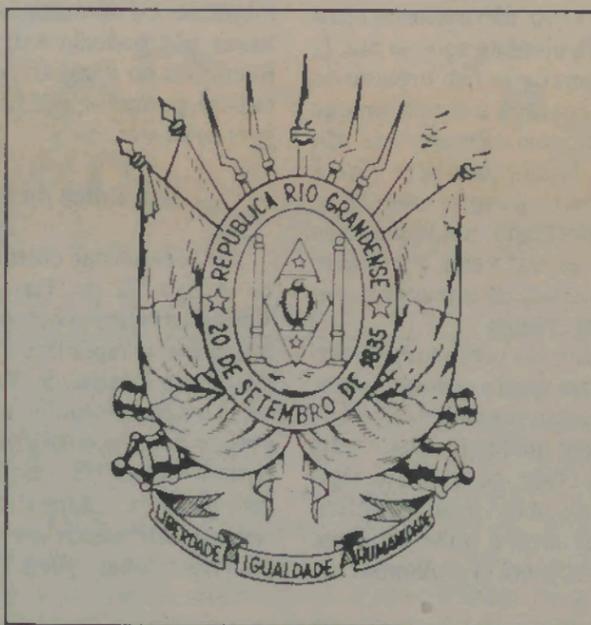
total. Para ele é fundamental unificar os grupos existentes para fortalecer a luta pela secessão.

LÍDER

A vinculação do nome Irton Marx ao separatismo, após todas as críticas feitas a ele, tem aliado à condenação do homem a condenação da própria idéia. Para Hélio Musskopf, a existência de líderes de maior penetração daria o impulso final necessário ao separatismo.

Segundo ele, é clara a aprovação da secessão na população, como demonstram pesquisas na região que ele representa na Assembléia Legislativa, o Vale do Taquari. Em Teutônia, Carlos Barbosa e Garibaldi, estudos da Pop Marketing, que faz parte do jornal Folha Popular, indicam números favoráveis ao separatismo de cerca de setenta por cento da população.

Para o Deputado, se não for possível obter a divisão se buscará ao menos na reforma constitucional a mudança da representatividade política no Congresso, que vem favorecendo ao longo dos anos os estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Ele conclui que o que se busca é um país sério, que tenha condições de exigir do povo que seja honesto pois é capaz de dar esse exemplo. E a idéia é iniciar esse país pelo Sul.



No brasão, a prova.

sobrevivência e a de seus familiares. Hoje o salário mínimo é de cerca de quatro milhões de cruzeiros.

DISCRIMINAÇÃO

Para o Deputado Hélio Musskopf, o separatismo vem ganhando impulso à medida em que se agrava a discriminação do governo central para com a região Sul. Existem hoje mais de vinte movimentos no Sul, com o objetivo mínimo de atrair para a região maior atenção do governo federal.

Hélio Musskopf vem discutindo com os movimentos separatistas a melhor forma de encaminhamento do trabalho. Ele já fez parte do Conselho Deliberativo do "O Pampa é o meu país", mas abandonou o grupo por divergências com Irton Marx, causadas principalmente por manifestações de cunho racista atribuídas a Marx. Agora Musskopf, embora não participe formalmente de nenhum grupo, acompanha o movimento com adesão

artigo primeiro. A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito...

artigo sétimo. parágrafo IV. (É direito do trabalhador) salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo...

REPÚBLICA FEDERAL DO PAMPA

Movimento Separatista

* Esta mobilização foi iniciada em 18 de fevereiro de 1990, por iniciativa do pesquisador político IRTON MARX.

* A Bandeira Nacional do Pampa foi criada em 15 de dezembro de 1989 pelo idealizador do movimento e as cores representam da seguinte forma os estados do sul: O vermelho é encontrado em 1/3 parte na bandeira do RS e 2/3 partes na de Santa Catarina. O Globo azul vem da bandeira do Paraná. O amarelo simboliza a produção do campo, como soja, arroz, trigo entre tantas. O preto, aparece representando a maior riqueza mineral do Pampa, que é o carvão. As estrelas, simbolizam as províncias ou novos estados a serem criados no país.

* O objetivo do movimento é unificar o RS, SC e PR numa nova federação livre do Brasil.

* Por que República do Pampa? A intenção é valorizar uma situação geográfica natural existente nesta parte da América Latina. O Pampa é visto desde a Argentina, Uruguai, passando pelo RS, SC, indo até o Paraná, constituindo-se nos pampas riograndenses, catarinenses e paranaenses.

* O território do Pampa terá uma área de 577 mil quilômetros quadrados, sendo maior que 114 países do mundo.

* A população está na ordem de 22 milhões e duzentos mil habitantes.

* O país limita-se ao norte com o Brasil, ao sul com o Uruguai, a oeste com a Argentina e Paraguai e a Leste com o Oceano Atlântico.

CONVOCAÇÃO GERAL

Todo cidadão radicado no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, está sendo convocado para prestar serviço patriota pela causa pampeana. A chamada deve atingir todos os recantos da pátria, fazendo com que todos, independente de idade, etnia, religião ou sexo, assumam posições de destaque diante da mobilização separatista.

É dever ter em seu veículo um adesivo editado pelo Comitê Central. Propagar a idéia de secessão, adquirir material de propaganda, dando sustentação financeira nesta investida nacionalista.

Cidadão pampeano! Seja um forte na busca da nossa independência.

POR QUE SEPARAR DO BRASIL?

Já estamos cansados de esperar melhoras no Brasil. Estamos cansados de sermos enganados, ludibriados pela classe política de outras regiões brasileiras. Cansados de bancar os bonzinhos para o norte e nordeste e abrir o caminho da fome, da miséria nas cidades sulistas. Sozinhos, vamos aplicar nossas riquezas nas necessidades do Pampa.

INFORMAÇÕES: COMITÊ CENTRAL NACIONALISTA PAMPA, Rua Tiradentes, 1013 - CEP 96810-140 Santa Cruz do Sul (sede geral) RS.

Telefone: (051) 713-2195.

Manifesto do Movimento "O Pampa gaúcho"

O separatismo que vem de Santa Cruz do Sul

Fernanda Magnus

O objetivo principal do Movimento Nacionalista Pampa é separar os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná do resto do Brasil, formando um novo país. O primeiro passo, proclamar a República Federal do Pampa, já foi dado, embora o governo brasileiro ignore o ato. Os integrantes do movimento afirmam não compactuar com todas as idéias de Irton Marx, mas apontá-lo como o seu principal expoente parece óbvio. Este movimento separatista não tem relação direta com outros que vem aparecendo no Sul do país e menos ainda com a tentativa de criação do Partido da República Farroupilha. Os separatistas do santa-cruzense Irton Marx parecem não evidenciar preferência partidária.

A Constituição brasileira, em seu Artigo 1º, diz que o Brasil é indissolúvel. Irton Marx, no entanto, cita o Artigo 5º, que dá pleno direito de liberdade de pensamento ao cidadão, para mostrar que não há ilegalidade no movimento. Também afirma que a Constituição reconhece a autodeterminação dos povos.

O separatismo surge no Brasil em meio à insatisfação com a situação sócio-econômica do país. Miséria e pobreza, verbas públicas desviadas ou mal aplicadas. Irton Marx reclama que as decisões são muito centralizadas. Afirma que os impostos federais obtidos no Rio Grande do Sul acabam em mãos erradas no centro e norte, não são convertidos em benefícios para o povo. Afirma, ainda, que apenas 2,3% do total arrecadado volta para ser investido. A solução, para ele, é mesmo a separação dos Estados sulinos do resto do Brasil. O dinheiro arrecadado seria aplicado aqui. Usa como argumento, para sustentar a criação do novo país, o maior desenvolvimento econômico do sul em relação ao norte.

Identificação Cultural

Irton Marx questiona a idéia de unificação em nível mundial veiculada pela imprensa. A formação de blocos econômicos convive lado a lado com o fracionamento de países. A Comunidade Econômica Européia, o Nafta, o Mercosul crescem no momento em que a União Soviética dissolve-se e a Iugoslávia mergulha em um banho de sangue.

Marx acredita que a unificação, pregada pelas redes de comunicação, não passa de acordos econômicos, com câmbios de fronteira facilitados. Os povos, na verdade, estariam buscando mais autonomia e uma maior identificação cul-

MOMENTOS DO MOVIMENTO

- 15.12.89 - Criação da bandeira da República Federal do Pampa.
- 18.02.90 - Início oficial do Movimento Nacionalista Pampa, em Santa Cruz do Sul (RS).
- 01.09.90 - Lançamento do livro de Irton Marx. Apesar de não representar a palavra oficial do movimento, abriu a discussão e sustentou financeiramente o início da mobilização.
- 06.06.93 - Proclamação da República Federal do Pampa, em Santa Cruz do Sul, com a presença de 33 pessoas.

tural com seus países. O problema do Brasil residiria nisto: não existe tal identificação, principalmente aqui no Sul. O brasileiro, no geral, não tem orgulho do seu país e não conhece a região em que vive. Os separatistas afirmam que não existe país no mundo que seja livre e soberano sem que o povo se identifique com ele. Por esta razão, um trabalho de identificação cultural seria a primeira tarefa a ser realizada na eventual República Federal do Pampa.

Quando indagado sobre atitudes racistas, Irton Marx nega veementemente. Afirma que nenhum segmento oficial do movimento falou qualquer coisa contra qualquer grupo étnico ou religioso. Opiniões de terceiros, não vinculados oficialmente ao movimento, poderiam levar a esta idéia de racismo. O problema com

os nordestinos parece dizer respeito à migração. Os nordestinos sem oportunidades não poderão entrar na eventual República do Pampa, segundo os separatistas, porque aqui já há muita miséria para combater.

República do Pampa

Os separatistas costumam se basear no Artigo IX do Tratado de Ponche Verde para afirmar que o Rio Grande do Sul já é uma república independente. A República Federal do Pampa seria, então, a união da República Rio-grandense com os Estados brasileiros de Santa Catarina e Paraná. Na ocorrência da separação, gaúchos, catarinenses e paranaenses que estivessem em outros Estados poderiam voltar. Quem morasse no Sul,

O quinto país do Mercosul

Os separatistas criticam o modo como a integração do Cone Sul vem sendo conduzida. O Mercosul (Mercado Comum do Sul) foi criado oficialmente com o Tratado de Assunção em 26 de março de 1991, tendo como participantes Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Estes países serão uma única nação em termos de trocas comerciais e políticas macroeconômicas e setoriais a partir de 1º de janeiro de 1995.

O problema, diz Irton Marx, é que, da maneira como está sendo feito, o Mercosul beneficiará apenas os grandes grupos que terão poder para atravessar a fronteira, instalando-se do outro lado. Com o tempo, acabarão "comendo", pelo maior poder financeiro, as empresas menores. Os pe-

quenos fabricantes de vinho, de queijo, as pequenas fábricas de roupas, os engenhos, os pequenos agricultores provavelmente não terão forças para competir no novo mercado, a menos que lhes sejam propiciadas as condições mínimas para isto.

Marx acredita que não existe a unificação do mundo, mas sim a facilitação do câmbio entre os maiores. Acrescenta que o Rio Grande do Sul, em especial, será transformado em corredor de exportações entre São Paulo e Buenos Aires. Se houver a formação da República Federal do Pampa, os separatistas afirmam que o novo país deverá ser a quinta nação integrante do Mercosul, esforçando-se para não cometer os erros do Brasil.

sem haver nascido aqui, poderia permanecer. As fronteiras estariam abertas somente para as pessoas que tivessem alguma real oportunidade de trabalho. Se não, só como turistas.

A República do Pampa não estaria fechada para o capital externo. As multinacionais continuariam existindo, mas com uma nova regulamentação. Se uma empresa internacional quisesse se instalar em solo "pampeano", poderia fazê-lo, mas não seria a única. As importações seriam feitas quando necessárias, assim como o Rio Grande do Sul importa do resto do Brasil e do exterior. O novo país tentaria ser auto-suficiente em algumas áreas. Marx admite que a auto-suficiência total é impossível.

A reforma agrária seria realizada. As propriedades produtivas permaneceriam com seus donos, tirando os excessos de terras de mãos erradas. Seriam fornecidas as condições econômicas para o homem voltar ao campo. Marx promete desafogar os centros e municipalizar o país. Uma nova constituição seria elaborada para a República Federal do Pampa, aproveitando o que existe na brasileira. A moeda seria trocada por outra melhor estruturada. "Jóia" seria o provável nome do dinheiro "pampeano", mas Marx não sabe explicar como será calculado o seu valor.

Primeiros Passos

Irton Marx explica que são necessários alguns passos para ocorrer a separação. O primeiro deles já foi dado: criar a República Federal do Pampa, registrá-la em ata e fazer um encaminhamento do fato às Nações Unidas. O segundo passo seria motivar a população para a realização de um plebiscito. Marx afirmou, em entrevista coletiva no dia 30 de junho, que no último dia 18, na Câmara de Vereadores de Novo Hamburgo, seriam iniciados os preparativos para o plebiscito de outubro.

Aprovada a separação, haveria uma solicitação de audiência ao Governo Federal para definir os rumos finais do processo. Irton Marx garante que o governo brasileiro aceitaria o resultado do plebiscito, por representar uma vontade popular. Uma Junta de Governo presidiria o novo país em um primeiro momento. Os separatistas gaúchos escolheram o nome República Federal do Pampa para homenagear uma situação geográfica existente no sul da América Latina. Acreditam que catarinenses e paranaenses aceitarão, sem problemas, a denominação.

Opiniões de Irton Marx, em 30 de junho de 1993 na FABICO por ele mesmo:

“ Mas por que separar? O mundo se une! E dizem aqueles que nós estamos remando contra a história, mas é um engodo. É uma mentira proporcionada, inclusive, por setores da imprensa onde normalmente o jornalista é apenas um tijolo na estrutura da empresa jornalística. Ele é, em outras palavras, um bem mandado.

O jornal Zero Hora tem nos tratado com displicência, oje-riza.

Nós não estamos atacando nenhum órgão de imprensa.

Não temos contato com os empresários gaúchos. O empresariado de São Paulo vive ligando lá para a sede em Santa Cruz pedindo informações. Ele quer transferir as suas empresas para cá. O nome delas eu não posso dizer. É uma questão de ética.

Nós nunca envolvemos nomes, nem governos, mas estamos com os pés no chão.

É por isso que São Paulo não deve entrar no novo país. Eles iriam nos dominar política e economicamente.

Nós detemos 62% do carvão mineral do mundo em território pampiano e apenas 1,9% é explorado. E esse é o carvão adequado para ser transformado em petróleo mediante a tecnologia sul-africana. Em 15/20 anos, o planeta terra estará com sérios problemas energéticos. O mundo árabe se hoje domina o mundo no setor, terá necessariamente que se curvar diante da nossa supremacia.

Em Santa Cruz a renda per capita chega a 7 mil dólares. O Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina somam quase 6 mil dólares a renda per capita. Isto é Espanha, isto é uma França. É um país de primeiro mundo.

ENTREVERO NO PAMPA



A CARTA (crônica de um gaúcho encasquetado)

Bueno, como todo gaúcho que se presta, não sou de dar mais voltas que bolacha em boca de velho. Nasci e me criei nestes pagos lindos no mais, com o minuano batendo no lombo. Campeiro de verdade, já comi mui carreteiro e ninguém me ganha numa gineteada.

Seu Irton, também acho uma barbaridade os bundinha da capital meter o pau num gaúcho faca na bota como tu. Espeloteado já é um desacato, mas chamar de mulherzinha é um desaforo para qualquer gaúcho de espora macanudo que fala grosso. Aquele tal de Ciro Gomes não passa de um casca-de-ferida.

Mas toda essa prosa trouxe à baila algumas dúvidas. Chamar de nazista é um baita exagero, convenhamos. Mas por que tanta alemoada?

Nunca fui macho de come mosca, mas duns tempo pra cá tá difícil encher o pandulho. Será que esta tal de República do Pampa vai segurar o garrão? Muito companheiro não tem nem pra erva e anda roendo um chifre. Estranho... com tanta soja, o gaúcho ainda passa fome.

Mas aquela foi buenacha. Os árabe vão se dobrá pra nossa supremacia. Eta! Largada macanuda. Só não entendi uma cousa. Eles vão se dobrá por causa da poluição? Bueno, sabe como é carvão...aquela fumaçeira.

O pampa país do primeiro mundo. Sabes que nunca tinha matutado essa possibilidade. Parada dura essa, é bruto como correr avestruz de tamanco. Mas já que tu dizes, tudo bem. Cachorro que engole osso tem confiança no rabo. O que vai dar de agauchado potreira a fora. Sim, porque, se bobeá, isso aqui fica cheio que nem penico de baile de campanha.

Gaúcho é comprador de peleia. Quem muito agacha o recavém lhe aparece. Só tem que ser matreiro pra não fincar os cornos no chão.

Aquele baita quebra-costela.

Hoje nós podemos nos tornar o celeiro agrícola do hemisfério sul.

Nós temos o mapeamento do sul completo. Não estamos pregando pregos sem estopa.

E falar alemão é racismo? Ter cachorro pastor alemão significa gesto racista? E se ter um cachorro pastor alemão é racista, a brigada militar do mundo inteiro, os exércitos do mundo inteiro são racistas e nazistas.

Se o Irton Marx fosse de descendência italiana, seria fatalmente chamado de fascista e sustentado pela Máfia. Tivesse origem árabe, a conotação seria de terrorista e o medo de Bagdá ou Trípoli estaria por trás. Se existisse o tempo comunista, Moscou estaria financiando este movimento. Como o Irton é de origem germânica, nos tacham de nazista. Agora, se fosse quem sabe de origem portuguesa, nem me escutassem, não dariam valor. E quem sabe se eu fosse de origem negra, nem dessem bola.

O nosso regimento interno do Pampa proíbe terminantemente preferência étnica, cultural, religiosa ou partidária. O Movimento do Pampa cresceu porque é apartidário.

Ninguém será repatriado. São nossos irmãos. Seja cearense, sergipano.

Criaria uma convulsão prender Irton Marx.

Não sou candidato a nada.

O Hino do Rio Grande do Sul é da independência. E lindo, por sinal. Eu me arrepio quando escuto.

O governo não tem competência legal para tomar qualquer atitude contra os separatistas porque já foi proclamada a república, reconhecida pelo Uruguai e Argentina.

Acreditamos que até no final de dezembro devamos estar separados.

Luisa Vagheti

”

O sonho de um país perfeito

SYLVIO SIRANGELO

O pesquisador Irton Marx, de Santa Cruz do Sul, autor do livro *Vai Nascer Um Novo País: A República do Pampa Gaúcho*, está há dez anos envolvido com o ideal separatista. Em 1990 passou a presidir um comitê que coordena vários núcleos espalhados pelos três estados do Sul e pretende concretizar a implantação da nova nação até o final deste ano. A República do Pampa idealizada por Irton teria 22 milhões de habitantes, uma área de 577 mil quilômetros quadrados e destacada posição no cenário sócio-econômico do Mercosul.

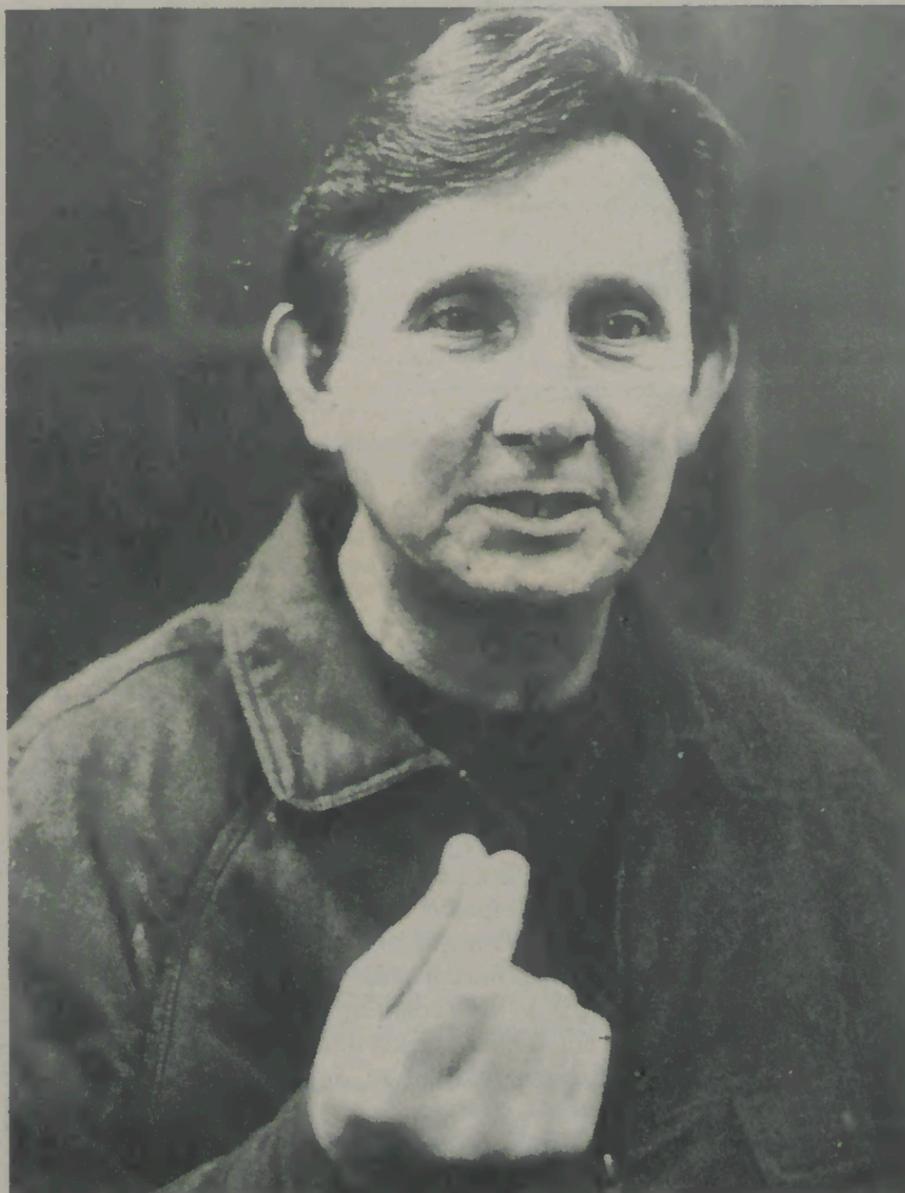
O autoproclamado líder dos pampianos defende que esta é a única saída para acabar com a dominação das oligarquias nordestinas e a discriminação na distribuição de verbas do governo federal.



Mais de 150 anos depois da Revolução Farroupilha, os separatistas ainda acreditam na existência legal da República Piratini e anunciam que a ONU deverá reconhecer o novo país nos próximos meses. Irton Marx também prega idéias tão insólitas quanto preconceituosas, como o fechamento da fronteira para os brasileiros que viessem procurar trabalho no Pampa e a criação de uma moeda chamada Jóia, que surgiria com cotação superior ao Dólar. O fornecimento de energia elétrica seria garantido com a encampação de Itaipu e as empresas brasileiras poderiam ficar no novo país desde que investissem o seu lucro aqui mesmo. Segundo Irton Marx, muitos empresários de São Paulo já estão mostrando interesse em se mudar para a República do Pampa.

Irton Marx acredita na criação de um novo país como saída para a crise.

fotos: SYLVIO SIRANGELO



O separatista Irton afirma que a remarcação de fronteiras vai romper a estrutura política centralizadora e gerar uma nação mais moderna e mais rica do que o Brasil, mas não explica como serão resolvidos os problemas das comunidades pobres da região. Ele esquece que, na verdade, é a estrutura de dominação das classes sociais que oprime e se o separatismo mantiver o mesmo tipo de estrutura social apenas irá regionalizar os problemas, a miséria e a pobreza.

O movimento Farroupilha lutou contra o autoritarismo do poder central e foi sufocado pelas elites regionais, interessadas na segurança da produção escravista. Do ponto de vista histórico, há discussões se houve um separatismo verdadeiro ou circunstancial, ou seja, resolveram separar o Rio Grande para limitar o teatro de luta, para levar daqui a idéia da República para o resto do país.

A ilusão de que a raiz de todos os males estaduais se encontra fora de nossas fronteiras serve de consolo para o sofrido Rio Grande, que hoje apresenta um quadro de indicadores sócio-econômicos testemunha de sua decadência e atraso em relação a Santa Catarina, Paraná e outras regiões do país. Quem garante que esta situação não vai se agravar com a separação? O desempenho dos últimos governos gaúchos leva a crer que seríamos a região menos desenvolvida do novo país e dominados politicamente por catarinenses e paranaenses.

O simples aumento de representação política não é garantia do surgimento de um projeto político capaz de solucionar a crise que enfrentamos, é preciso lembrar que existem classes opostas e interesses antagônicos, que não se pode conciliar o capital com o trabalho em nome do interesse regionalista, como pretendem os separatistas com a sua classificação vaga e abrangente de pampiano.



O que Irton e seus seguidores não conseguem explicar é que tipo de interesses serão defendidos na República do Pampa. Será o país dos produtores rurais exportadores de grãos ou dos famintos sem-terra? A identidade cultural que promete preservar será a do gaúcho da pampa, a das colônias italiana e alemão, a dos açorianos do litoral catarinense ou a polaca dos paranaenses?

No momento em que o Brasil enfrenta uma crise institucional e econômica sem precedentes, com o descrédito do sistema político e o surgimento de uma geração empobrecida e sem esperança, os separatistas aproveitam para difundir suas idéias "mágicas" de um país perfeito, ao mesmo tempo que fomentam rivalidades e preconceitos regionais, como se quisessem ver acontecer aqui episódios semelhantes aos que nos acostumamos a acompanhar nos noticiários internacionais ultimamente.



Separatistas promovem plebiscito

Superando os primeiros enfrentamentos com governo e com a Polícia Federal, o movimento separatista continua promovendo a separação entre os estados e o Brasil.

Egídio Pandolfo

Um plebiscito deverá decidir se os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná irão se separar do Brasil, formando um novo país: a República Federal do Pampa. Quem garante isso é o líder do Movimento Nacionalista Pampa, Irton Marx, que dá por certa a aprovação da idéia separatista pela maioria dos sulistas.

O plebiscito deverá ocorrer em outubro desse ano e, será melhor definido dia 18 de julho, na câmara de vereadores de São Leopoldo. Antecipando a recusa do Tribunal Eleitoral em realizar a consulta popular, o separatista já está convocando a imprensa, sindicatos e interessados no pleito, para fiscalizarem a votação e o escrutínio.

Irton Marx garante a aceitação do resultado do plebiscito pelo governo brasileiro, pois afirma ter apoio da Organização das Nações Unidas. Recentemente, os separatistas enviaram a essa entidade a documentação necessária para iniciar o processo de regulamentação e reconhecimento internacional de novos países.

SECESSÃO - A separação dos estados do sul organizada por Irton fere o artigo 1º da Constituição Brasileira: "A República Federativa do Brasil é formada pela união indissolúvel dos Estados, Municípios e do Distrito Federal". Ele lembra que todos os países possuem artigos como esse e que, a cada caso de separação, ele é transgredido: o Brasil transgrediu Portugal, os Estados Unidos a Inglaterra, e a cada novo país que surge, artigos como o 1º são desrespeitados.

"A Eslovênia teve apenas 75 baixas para se tornar independente. E em uma única noite, mataram mais de 110 em um presídio de São Paulo."

A demarcação da reserva indígena Iandômani, com uma superfície dez vezes maior que a da Bélgica, abre um precedente de fato da criação de um território onde a legislação brasileira tem alcance limitado. A prova disso é que lá se refugia Paulinho Paiakan, cacique Paikakó, que estuprou uma menina com o auxílio da esposa. Aculturado pelo modo de vida ocidental e sustentado pela exportação de madeiras nobres, Paulinho tem um padrão de vida que a muito deixou de ser indígena. Assim, a impunidade de Paulinho faz questionar se a Reserva Iandômani ainda faz parte do Brasil.

A desintegração da União Soviética possibilitou o surgimento de diversos

países, e foi endossada pela chancelaria brasileira, assim como a fragmentação da Iugoslávia e da Checoslováquia. Desde a queda do Muro de Berlin, uma onda de secessões vem ocorrendo, e a imprensa tem se mostrado francamente favorável a elas, exceto a imprensa nacional em relação as separações no próprio país, diz Irton, acrescentando que o seu movimento está na vanguarda da política nacional. Principalmente o jornal Zero Hora se colocou contra os separatistas, classificando-os de birutas. Irton não deixa por menos e ataca toda a classe jornalística afirmando serem "uns bemandados, escravos".

BIRUTA - Algumas idéias do auto-proclamado líder do Movimento Separatista Pampa, publicadas em livro, foram ridicularizadas pela imprensa e fragilizaram o movimento. E com razão. A tática utilizada pelos oponentes do movimento foi a da ridicularização, ao invés de um enfrentamento aberto baseado em prerrogativas legais, que poderia gerar um efeito contrário ao desejado, fortalecendo o movimento pela polarização das facções. Já a ridicularização tem um efeito neutralizante. O livro de Irton realmente deu margem para isto, afinal, a mente que concebe a obrigatoriedade da monogamia canina é digna de descrédito.

"O jornalista é um bemandado, um escravo."

Os demais membros do Movimento também parecem não estarem certos da lucidez do líder, embora ainda não o tenham destituído. Em entrevista coletiva realizada dia 30 de junho, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, a assessoria dos separatistas, condicionou a entrevista à perguntas que não envolvessem a vida particular de

SYLVIO SIRANGELO



Irton Marx, ou ao livro que escreveu. Justificou as limitações impostas com o fato de que as idéias contidas no livro não são a posição oficial do movimento.

PAMPA S.A. - Apesar de toda a oposição feita ao movimento, a bandeira do Pampa continua asteada no pátio da casa de Irton, à revelia da polícia Federal. Assim, os planos de governo do novo país prosseguem. Um dos primeiros atos do novo governo será encampar os bancos estaduais do sul: Banrisul, BESC e o Banco do Paraná, e fundar o Banco do Pampa S.A. Ironicamente, Irton afirma que o Banco do Brasil poderá continuar existindo para atender aos interesses comerciais do país vizinho. Segundo uma suposta equipe de economistas pampeanos, a moeda nacional terá um valor de US\$ 2,5. Tal índice é baseado nos coeficientes de produtividade e na renda per capita dos sulistas. O nome da futura moeda talvez venha a ser Jóia.

Irton é contrário a formação do Mercosul. Alega que a eliminação das barreiras alfandegárias e a integração econômica irá transformar o estado em um corredor de transporte entre os "impérios de São Paulo e de Buenos Aires". Afirma, também, que a unificação irá beneficiar apenas aos grandes grupos monopolistas, em detrimento das pequenas e médias manufaturas: vinicultores, engenhos, textéis e outras, que perderão competitividade e poderão vir a falir.

Segundo Irton, muitos industriais sulistas estão apoiando o movimento, mas prefere não revelar quem são. E não é muito difícil acreditar nisso, tendo em vista a elevada carga tributária que incide sobre as empresas, fazendo o descontentamento de qualquer administrador. Comprova isso, o fato de que mais uma taxa foi criada, o Imposto Provisório sobre Movimentações Financeiras - IPMF; ou de que um funcionário custa em obrigações 70% mais do que lhe é pago em salário.

MOTIVOS - As principais argumentações que os separatistas dão para promoverem a secessão, são de ordem econômica, histórica e cultural. A Revolução Farroupilha terminou a quase 150 anos com a derrota honrosa dos insurretos. O Tratado de Poncho Verde, assinado em 1845, determinava que os oficiais riograndenses não se submeteriam ao Império, e o estado manteve em seu brasão a inscrição "República Riograndense", como lembrança do sonho de independência que havia naqueles tempos épicos.

Os mais contundentes ataques feitos a Irton - e por extensão ao movimento que lidera -, dizem respeito à sua origem germânica, que lhe fez ganhar a pecha de nazista. Muito mais pelas idéias do que pela sua origem, talvez o termo nazista não seja tão inapropriado. Irton relaciona as diferenças culturais entre os sulistas e os nortistas como justificativa para a separação. As idéias de preservação da cultura são tão fortes, que os separatistas pretendem limitar a veiculação de músicas estrangeiras: rock, reggae, nordestina; e promover as regionais: folclóricas alemã, italiana e gaúcha. Igualmente, será vetada a imigração de estrangeiros para o futuro novo próspero país, a exemplo do que é feito nos países desenvolvidos.

"...como o Irton é de origem germânica, nos tacham de nazistas. Agora, se fosse de origem portuguesa, (talvez) nem me escutassem, não dessem valor. E quem sabe se eu fosse de origem negra, nem dessem bola."

Numa tentativa de criar pontos de identificação entre os estados sulistas, Irton afirma que o nome do país foi escolhido em homenagem a uma geografia comum à parte dos três estados: o pampa. Na verdade, o pampa é uma região comum ao centro-oeste do estado, Argentina e Uruguai, caracterizando-se por uma vegetação de gramíneas.

A maior motivação é, sem dúvidas, de ordem econômica. Os separatistas se mostram indignados com as verbas recebidas pelo gaúchos, quando comparadas ao total remetido para Brasília: 2,6%. Responsabilizando isso pela situação de abandono do estado. Para aumentar ainda mais a indignação dos separatistas, Irton diz que, para combater a seca e a enchente que se abateu sobre a Bahia em três meses consecutivos, houve uma remessa de divisas maior do que a que os gaúchos receberam em um ano.

Irton Marx apresenta seu país

Ieda Fumagalli

(DES)AGREGAÇÃO MUNDIAL

Dizem que o mundo se une e que estamos contra a história, mas é um engodo, uma mentira proporcionada inclusive por setores da imprensa. Passaram a anunciar que o Mercosul mostra a unificação da América e a Europa se une através do Mercado Comum Europeu. Sobre o Mercosul: a Argentina deixará de ser Argentina? O Brasil não será mais Brasil? Nem o Paraguai e o Uruguai? E lá, Alemanha, Itália, Portugal e Espanha deixarão de ser independentes? Não terão mais as suas bandeiras, sua própria economia, seus privilégios? Eles continuarão os mesmos; apenas serão facilitados câmbios de fronteira e somente os monopólios continuarão a faturar.

IMPORTAÇÕES

Dizem que teremos que importar nossa autonomia. Porém já existem dois tipos de importação: a interna e a externa. A primeira é quando compramos petróleo da Bahia; a segunda é quando compramos da Arábia Saudita. Mas em ambas as situações, o nosso dinheiro regional vai embora e é lá fora que gera impostos, empregos, riquezas, subsídios para ampliação de suas empresas, para modernizar ou para enriquecer alguns naquelas regiões. Hoje detemos 62% do carvão mineral do mundo em território pampeano, e apenas 19% é explorado. Este é o carvão adequado para ser transformado em petróleo mediante tecnologia sul-africana. Em quinze ou vinte anos, o mundo árabe, que hoje domina o mundo no setor, terá que necessariamente se curvar diante da nossa supremacia, e de compradores passaremos a exportadores.

BRASIL X PAMPA

Há uma contradição na Constituição. Pelo artigo 1º, o Brasil é indissolúvel; pelo artigo 5º, há pleno direito de liberdade de pensamento ao cidadão. Se ele tem pleno direito de se manifestar, pode manifestar-se como separatista. Não existe país no mundo em que não haja este artigo 1º. O Brasil transgrediu Portugal, os Estados Unidos transgrediram a Grã-Bretanha. O mais importante é que existe o tratado de Paz de Ponche Verde, assinado em 1845, que não põe fim à existência de direito da nossa República. Apenas há concessões para a paz. Nós somos um país. A República Federal do Pampa, na verdade, é a República Rio-grandense acrescida dos estados brasileiros de Santa Catarina e Paraná.

LUTA ARMADA

Dizem que queremos criar um clima de guerra e imediatamente citam o exemplo da Bósnia, da Croácia. Mas ninguém cita que a Tchecoslováquia se separou mediante um plebiscito. Quantas pessoas morrem no Brasil de fome, frio, subnutrição, vítimas de seqüestros

Com a intenção de criar um novo país a partir da unificação dos Estados do Sul, Irton Marx, 46 anos, encabeça o movimento separatista. Tendo recolhido 2 milhões de assinaturas pró separatismo, somente 33 pessoas assistiram à proclamação da República Federal do Pampa numa reunião às escondidas.

Já vivemos no novo país, mesmo que poucos saibam. Agora, através de uma campanha de esclarecimento, querem fazer com que cada pampeano se identifique com as raízes de seu povo, de sua terra, passando a amar o seu país, tendo orgulho de usar o bandeira no peito... Irton já traz a bandeira no braço; membros do Conselho de Estado a trazem estampada literalmente no peito - trajes a rigor?

Será feito um plebiscito, em outubro, para "confirmar" o desejo de separação, e seu resultado deverá ser reconhecido pelo Governo Federal. Irton sempre coloca a possibilidade de violência em mãos "brasileiras". Sabe-se, entretanto, que o Brasil poderá usar de violência para manter intacto seu território, é um direito seu, com o que Irton não concorda.

O Pampa, segundo Irton Marx, terá Constituição e Código Civil baseados nos existentes no Brasil. "Tudo o que serve ao novo país será utilizado". Com o tempo, acertarão e aprimorarão a base. Existirá uma guarda de fronteira impedindo a entrada de estrangeiros (brasileiros) de forma irregular.

Em entrevista coletiva, num discurso, misto de desculpas, justificativas a críticas, ataques à Imprensa e ao Governo Federal, o santa-cruzeiro Irton Marx traça o perfil da República Federal do Pampa e analisa vários aspectos do país vizinho, o Brasil. Em meio a contradições, nega ser racista, mesmo afirmando que se ele fosse negro, não dariam atenção ao movimento. Defende ferrenhamente sua origem germânica, comparando o genocídio dos judeus ao massacre de povos indígenas, à escravidão e às mortes causadas pela fome.

Para desvendar a figura do cidadão Irton Marx, seguem alguns trechos da coletiva.



e matança indiscriminada na rua? Violência gera violência. Se houver violência partirá deles. O primeiro gesto partiu de Brasília quando atentaram contra o meu direito de livre pensamento.

"FANTÁSTICO"

Fizeram no "Fantástico" uma matéria tendenciosa, arranjada. Todos sabem o poder da mídia..., que pode destruir pessoas inocentes, como Irton Marx, que nunca matou, roubou, contrabandeou, traficou, não fez nada de errado a não ser ter cometido o crime de ter idéias. De forma desrespeitosa, criminosa, tentaram e conseguiram colocar a opinião pública brasileira e até internacional contra aqueles que trabalharam tanto, desbravaram, subindo em serras para construir cidades, fazer fábricas e dar tantos empregos. Falar Alemão é racismo? Ter cachorro Pastor Alemão significa racismo? Se eu tivesse um cachorro negro, eles diriam que ali estaria o exemplo de quem irá para as correntes: o negro. E fizeram tudo para que o nosso gato siamês abrisse os olhos para dizer que até os olhos do gato são azuis. Mas não filmaram o gato preto que temos,

gordo e o mais bonito da casa.

RACISMO E NAZISMO

Não temos problemas étnicos. Jamais segmentos oficiais da República do Pampa falaram que somos contra negros, judeus, homossexuais, italianos, portugueses ou espanhóis. Se o Irton Marx fosse de descendência italiana, seria fatalmente chamado de fascista e sustentado pela Máfia. Tivesse origem árabe, a conotação seria de terrorista e Bagdá ou Trípoli estariam por trás. Como o Irton é de origem germânica, taxam-nos de nazista. Se fosse de origem portuguesa, talvez nem me escutassem, não dariam valor. E se fosse de origem negra, nem "dessembola". Existe um racismo sim contra os germânicos. Em nenhum momento, falamos contra o povo nordestino; eles falaram contra nós. O Governador da Bahia disse que nascia nos pampas um filhote de Hitler: eu.

NORDESTINOS E GAÚCHOS

Dizem: vocês querem impedir o nordestino de vir morar no Pampa e isso é segregação racial, discriminação social.

Nós temos culpa da miséria deles? Temos tantos pobres aqui quanto eles, só que os nossos não aparecem na televisão. Não adianta recebermos favelados de outras regiões para se somarem aos nossos. As pessoas de outros estados que estiverem aqui poderão permanecer, não serão repatriados. E os gaúchos que estão fora poderão voltar. Seria uma incoerência criarmos um novo Muro de Berlim. Nem todos voltarão nem voltarão em massa. Se for o caso, controlaremos.

MUNICIPALISMO

Nossa intenção é fazer um país municipalista. A Câmara de Vereadores deve ser ocupada por representantes de distritos, bairros, sindicatos, associações, entidades. Não serão remunerados.

EMPRESAS ESTRANGEIRAS

Não poderemos expulsá-las. São multinacionais. Continuarão existindo, mas não terão o privilégio de serem as únicas. Seríamos muito tolos em querer nacionalizar tudo. Só que temos que preservar nossas coisas. Nosso interesse é que venham mais empresas, só que o fluxo de remessa de divisas será diferente. Nós queremos soberania.

DÍVIDAS EXTERNA E INTERNA

A dívida externa, já que a Constituição diz que todos os Estados devem ser tratados de forma igualitária, dividiremos o valor em tantos estados existentes no Brasil. Cada um paga a sua. Sobre a questão da dívida interna, abriremos uma sindicância. Em 20 anos, perdemos 22 bilhões de dólares. Só o RS, no ano passado, mandou para Brasília através de impostos 1 trilhão e 778 bilhões de cruzeiros. Quanto voltou? Apenas 2,6%.

(RE)PRESSÃO

O Governo Federal investiu, através da imprensa, contra os separatistas. A minha cidade foi aterrorizada. Durante 30 dias, a Imprensa do mundo inteiro estava lá. Depois, quando abrimos a Zero Hora, estavam chamando as pessoas de birutas; era um desrespeito. Na semana do encontro, o Exército estava de prontidão, caminhões lotados de soldados com fuzis andavam pela cidade. Dois helicópteros sobrevoavam o local inclinados com metralhadoras. No dia, anunciaram que a Polícia prenderia. Quem assistiu à televisão viu que a Praça estava lotada. O ato foi cancelado por diversas ameaças. As pessoas não me deixaram subir no palanque. Então, fez-se um encontro com 33 pessoas escolhidas da mais alta confiabilidade.

INTENÇÕES POLÍTICAS

Não sou candidato a nada. Estaria traindo os princípios do Pampa e criando um outro problema. Se eu concorresse por uma sigla partidária, as outras não se rebelariam contra a secessão? O nosso movimento cresceu porque não tem cores partidárias; por isso é levado a sério.

O Separatismo e a nova ordem mundial

*Neonazismo, segregação, guerras religiosas, separatismos:
o mundo assiste estupefato tantas transformações.
A República Federal do Pampa não pode ser isolada desta realidade.*

Adriana Brendler

O mundo vive hoje duas realidades paradoxais: de um lado a tendência integracionista expressada através da formação de blocos econômicos, de outro a fragmentação fomentada pelos nacionalismos, pelas guerras religiosas e étnicas e pelos separatismos regionais.

Com o colapso da União Soviética, o mundo começa a viver um período de incertezas. A estabilidade e a polarização mantidas por décadas de Guerra Fria foram sendo rompidas. Acordos de desarmamento, queda do Muro de Berlim, retirada das tropas da OTAN da Europa, destruição de ogivas nucleares, fim das bases americanas nas Filipinas foram acontecimentos que se sucederam em velocidade espantosa deixando o mundo perplexo.

As preocupações com o perigo de uma guerra nuclear deram lugar ao medo da AIDS, dos desastres ecológicos, da fome.

A partir daí o mundo começa a reordenar-se baseando-se bem mais em interesses econômicos do que militares. Na Europa ocidental se pretende implantar a Comunidade Econômica Européia. Estados Unidos, Canadá e México anunciaram em agosto de 1992 a Associação de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). Na Ásia e no Pacífico, apesar de não haver uma formalização, o Japão lidera um grande bloco econômico. Através da ASEAN, uma associação comercial que congrega países de uma extensa área que vai desde a Coreia do Sul até a Nova Zelândia, ele faz valer suas políticas industriais e comerciais. A América Latina numa tentativa mais modesta tenta se virar como pode com o Mercosul.

Este quadro mundial foi explicado pelo ensaísta francês Jean Christophe Rufin na obra "O Império e os Novos Bárbaros". Segundo ele de um lado estaria o norte unificado pela queda do comunismo, pela supremacia do liberalismo e da economia de mercado (o império). De outro lado estaria o hemisfério sul ameaçador com sua catástrofe social e a explosão demográfica (os bárbaros). O sul com sua anarquia, violência, corrupção e miséria de vez em quando mereceria um gesto de indulgência como por exemplo a intervenção humanitária na Somália, mas só de vez em quando pois o norte estaria bem mais preocupado com seus próprios problemas.

Com o fim do comunismo os povos se unem e se separam no salve-se quem puder

Enquanto esta tendência integracionista prospera a fragmentação eclode em vários pontos do mundo.

Além de desmobilizar a guerra nuclear e reunir o mundo em torno de outros interesses que não os militares, a falência da URSS representou o fim de uma proposta global de sobrevivência - o comunismo.

Segundo o historiador gaúcho Luiz Roberto Lopez com o fim desta idéia inspiradora todos os povos se unem e se separam no salve-se quem puder. O historiador inglês Eric Hobsbawm aponta as principais causas das fragmentações atuais: o colapso do sistema comunista reabriu as feridas da I Guerra Mundial mostrando os erros dos acordos dos impérios otomano, czarista e dos Habsburgos. Em segundo lugar ele diz que os movimentos migratórios reforçam a xenofobia que por sua vez incentiva o nacionalismo étnico. Além disso, pessoas que experimentam décadas de ditaduras, não tendo experiência ou educação política sentem-se inseguras numa sociedade em fragmentação e buscam na língua e na cultura comuns pontos de apoio.

Este é o caso típico dos povos dos ex-países comunistas, mas mesmo no ocidente a velocidade das transformações gera insegurança e a mesma necessidade de pontos de referência.

O leste europeu, a América Latina e a África, mergulhados em crises, exportam seus miseráveis para os países considerados ricos. Estes que, por sua vez também enfrentam problemas de desemprego, recessão e déficit público,

rejeitam os estrangeiros. Esta onda de migração é detonadora de conflitos raciais, culturais e religiosos que já existiam antes de forma latente ou não. Segundo François Bedarida do Centro Nacional de Pesquisa Científica de Paris " toda sociedade carrega um potencial de exclusão, cada vez que duvida de sua própria identidade ou é abalada por mudanças rápidas procura um bode expiatório". O que se observa é que este bode expiatório hoje são os estrangeiros, sendo personificados principalmente por minorias étnicas.

Na Alemanha, o desemprego fez ressurgir antigos preconceitos raciais e os neo-nazistas espalham o medo. Na Bélgica, o Vlaam Block, um partido nacionalista flamengo que quer a separação da região menos desenvolvida dos valões, saltou nas últimas eleições de dois para doze parlamentares. Na Áustria, o Partido Liberdade que é contra os judeus conquistou 23 das 100 cadeiras parlamentares. Na Itália, o senador Umberto Bossi, líder da Liga Lombarda, defende a separação do norte rico e desenvolvido do sul pobre e atrasado. Na França, a organização de extrema direita Frente Nacional Francesa é a terceira força política graças aos votos de 3,4 milhões de pessoas que aprovam suas idéias, entre elas a repatriação dos imigrantes do terceiro mundo.

Embora distante da realidade Européia ou Asiática existem pontos comuns entre os conflitos do resto do mundo e a proposta do Movimento Nacional do Pampa

Neste contexto mundial surge em 18 de fevereiro de 1990 o Movimento Nacionalista do Pampa. Sem entrar no mérito de a República Federal do Pampa proclamada na noite de seis de junho deste ano pelo líder do Movimento Irton Marx ser viável ou não, é possível analisar este movimento à luz dos acontecimentos mundiais. Embora possa parecer distante da realidade européia ou asiática ainda assim existem pontos comuns entre as crises e os conflitos do resto do mundo e a proposta do Movimento Nacionalista do Pampa.

Como escreveu Lauro Machado Coelho nas páginas iniciais do Almanaque Abril deste ano "processos diversos e aparentemente sem relação com a guerra civil iugoslava e a rebelião curda; a divisão da Tcheco-Eslováquia e a luta inglória dos tuarques na África pelo reconhecimento de seus direitos, coincidem dando a suspeitar a existência de um denominador comum. Mesmo os grupos separatistas tradicionais como os bascos e os norte-irlandeses que estavam em fase de estagnação entram em ebulição. Todos os movimentos dão a impressão de mirar-se num mesmo espelho: a agitação nacionalista que se inicia na ex-URSS em 85 com a chegada ao poder de Mikail Gorbachov. O processo não se detém na fragmentação da URSS mas prossegue em todo o mundo como uma espécie de efeito dominó. Opondo-se ao ideal cosmopolita da derrubada de fronteiras explode um nacionalismo que se manifesta através da idéia de preservar a identidade nacional, culturas, tradições, religiões. Mas, confunde-se com a defesa de interesses econômicos precisos: soberania sobre regiões altamente industrializadas ou com ricos recursos naturais.

E o efeito dominó atravessou até mesmo o Atlântico. Guardadas as proporções e peculiaridades muito do que acontece na Europa pode ser relacionado com o movimento que pretende separar Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná do resto do Brasil. Os motivos dados para a separação aqui também são econômicos (já que o sul se considera mais desenvolvido do que outras regiões do país e prejudicado na divisão de recursos federais) e os culturais (os "pampeanos" dizem ter uma cultura diferente, que nada tem a ver com a do resto do país).

Em entrevista coletiva aos redatores deste jornal o líder do Movimento Nacionalista do Pampa, Irton Marx, negou todas as especulações em torno do caráter nazista ou racista

do movimento. Entretanto deixou claro que uma das linhas de ação do "governo pampeano" será a de criar no povo do Pampa um acirrado sentimento nacionalista através do que ele chama de um trabalho de base. Serão incentivadas a cultura, a história, a tradição do Pampa em detrimento das que vêm de outras regiões do Brasil ou de outros países. Irton foge às taxações de discriminação e racismo dadas a este procedimento dizendo que esta é a única maneira de um país desenvolver-se: através do que ele chama de nacionalismo.

O filósofo francês Pierre-André Taquieff defende a tese de que os neo-nazistas criaram um novo tipo de intolerância que é o neo-racismo cultural: se fala de culturas e identidade, raramente de raças. A Frente Nacionalista Francesa por exemplo (partido francês de direita) evita falar diretamente de uma determinada hierarquia de culturas ou civilizações. Para seus teóricos cada etnia tem sua própria constituição que deve preservar e defender. É um racismo paradoxal que evita as referências biológicas, é fundado sobre as diferenças de cultura, até elogiando-as mas deixando claro: cada uma em seu lugar. Este também é o comportamento adotado pelos separatistas do pampa ao falarem de rock, música sertaneja, novelas que se passam no nordeste e motivos norte-americanos presentes na moda. Quando perguntado sobre a liberdade de cada indivíduo teria de escolher por si próprio a música, a dança e a roupa que veste, Irton marx se esquiva dizendo que depois de realizado o referido trabalho de base ninguém mais optaria por costumes e culturas que não os do sul.

O separatismo representa uma tábua de salvação diante da crise brasileira

Seguindo a mesma linha de pensamento isolacionista Irton diz que a nenhum estrangeiro seria permitida a entrada no mercado de trabalho do Pampa pois isto poderia causar problemas sociais. A idéia de fechar as portas à imigração nos reporta novamente aos acontecimentos europeus. O curioso é que Irton admite que no caso de pessoas nascidas em solo "pampeano" ou seus descendentes a entrada seria permitida mesmo em caso de recessão no Pampa. Por terem raízes no sul estas pessoas não provocariam os referidos problemas sociais ou será este na verdade apenas um bom pretexto para o fechamento de fronteiras e para a segregação cultural?

Segundo o historiador gaúcho Luiz Roberto Lopez "o que Irton Marx está fazendo é querer gradear o Rio Grande do Sul". Mas para ele o separatismo vai contra a tradição brasileira de integração. Também o cientista político gaúcho José Tavares afirma não haver tradição histórica de separação no Rio Grande do Sul. Segundo ele, mesmo a Revolução Farroupilha que normalmente é evocada como exemplo do desejo de separação dos gaúchos não serve como referência pois naquela ocasião o separatismo era apenas um recurso de intimidação, um instrumento de pressão que acabou indo longe demais. Para o cientista político o que ocorre no movimento separatista, como também em outros fenômenos sociais, é que em sociedades que atravessam crises severas (como é o caso do Brasil) acontece o que ele chama de situação "soma-zero". Isto é, os recursos são tão escassos que o que um ganha outro perde, um só pode ganhar às custas de outro. É mais uma vez a explicação do salve-se quem puder.

Embora muitos prefiram acreditar que o separatismo só se justifica por Irton Marx ser biruta, utópico ou nazista, estas taxações pessoais dificilmente serão argumento suficiente para explicar o desenvolvimento do movimento separatista. Pesquisas, aceitas inclusive pelo Exército Brasileiro, indicam que 41% da população dos três estados do sul é a favor da separação. Certamente este percentual expressivo não é composto de birutas ou nazistas. O mais provável é que, para estas pessoas o separatismo esteja se configurando como uma tábua de salvação diante da crise brasileira, e que, o nordeste esteja servindo como um excelente bode expiatório para um fracasso que é nacional.

O MOVIMENTO

O Movimento Nacionalista Pampa foi fundado em 18 de fevereiro de 1990 com a proposta de criar um novo país a partir da unificação dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Segundo Irton Marx, caracteriza-se por ser um movimento pacífico, ordeiro e plebiscitário.

O LÍDER

Irton Marx é de Santa Cruz do Sul, tem 45 anos, é pesquisador político e proprietário de uma confecção.



O LIVRO

O livro *Vai nascer um novo país: A República do Pampa Gaúcho*, de Irton Marx, lançado em 1º de setembro de 1990, contém propostas para a criação do novo país. Não representa a palavra oficial do movimento. Teve mais de 5 mil exemplares vendidos.



A BANDEIRA DO PAMPA

Criada em 15 de dezembro de 1989, possui o fundo vermelho (simbolizando a

miscigenação das raças), listas amarelas (cereais) e pretas (carvão) em cruz e um globo azul (representando o céu com as 13 principais regiões do novo país).

A BANDEIRA DO RIO GRANDE DO SUL

Considerada a maior afronta à Constituição do Brasil por conter os dizeres "República Rio-Grandense - 20 de Setembro de 1835 - Liberdade, Igualdade, Humanidade".



A PROCLAMAÇÃO

A República Federal do Pampa foi proclamada aos 40 minutos do dia 6 de junho deste ano, no Parque da Gruta dos Índios, em Santa Cruz do Sul, por 33 integrantes do Movimento Nacionalista Pampa.

A LEI

A Constituição de 1988 diz no Artigo 1º que o Brasil é formado pela "união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal". Pela Constituição, o Movimento Nacionalista Pampa e a República Federal do Pampa são inconstitucionais. Os separatistas citam o Artigo 4º que diz que o Brasil é regido pela "autodeterminação dos povos, não-intervenção e igualdade entre os Estados", e o Artigo 5º que cita a "livre manifestação do pensamento".

O NOME

A República Federal do Pampa é uma homenagem a uma situação geográfica existente na América Latina que começa na Argentina e se estende até os campos de Santa Catarina e Paraná.

O Pampa já é um país

Separatistas criam um novo país com a união de estados brasileiros. Apesar da inconstitucionalidade, o próximo passo do movimento é a independência.
Sílvia Ramos Lago

A proclamação da República Federal do Pampa cria um novo país formado pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Além da cerimônia que reuniu 33 pessoas em Santa Cruz do Sul no dia 6 de junho deste ano, a proclamação foi registrada em livro ata e encaminhada ao Secretário Geral da ONU (Organização das Nações Unidas) para possível reconhecimento. O próximo objetivo do Movimento Nacionalista Pampa é organizar um plebiscito que legitime o novo país e dê condições para sua independência.

O plebiscito está marcado para outubro deste ano. Os trabalhos de escrutínio serão realizados por voluntários e a fiscalização será feita pela imprensa nacional e internacional. Para os separatistas, o plebiscito é a única forma da República do Pampa ser reconhecida, uma vez que a vontade popular superaria as leis estabelecidas. Conhecido o resultado do plebiscito, os separatistas pretendem solicitar uma reunião com o governo central, em Brasília, para definir os rumos finais da separação. A meta é alcançar a independência até o final do mês de dezembro.

Em entrevista coletiva na FABICO (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS), Irton Marx, líder do movimento separatista e presidente do Conselho de Estado da República Federal do Pampa, esclareceu que o novo país possuirá um sistema municipalista e que o plano de governo será discutido com a comunidade. Para ele, o primeiro passo é realizar um trabalho de base, de reeducação da população, para que cada pampeano tenha orgulho e respeito por seu país.

Separatistas realizam congresso

O primeiro Congresso da República Federal do Pampa foi realizado na Câmara de Vereadores da cidade de Novo Hamburgo, no dia 18 de julho de 1993, aniversário da morte de Bento Gonçalves. O encontro serviu para discussão de temas como segurança, saúde e ensino públicos do novo país, e regras para a realização do plebiscito que decidirá sobre a separação dos estados do Sul.

Entre as principais resoluções, o Conselho de Estado decidiu colocar bandeiras da República do Pampa na divisa do Paraná com os outros estados do Brasil, a partir de 23 de agosto, com o objetivo de demarcar fronteiras. Também ficou estabelecido o dia

para realização do plebiscito para emancipação do novo país: 23 de outubro de 1993. Após esta data, os separatistas pretendem fechar a fronteira pampeana com o Brasil.

Estavam presentes cinco membros do Conselho de Estado da República Federal do Pampa e cerca de 500 pessoas representando 38 municípios do Rio Grande do Sul, segundo Luciano Cardoso, integrante do Movimento Nacionalista Pampa. A Câmara de Vereadores de Novo Hamburgo esclareceu que não tem vínculo com a organização do Congresso e que cedeu o espaço físico do Plenário por ser uma casa democrática e pertencente ao povo.

República existe desde 1836

O separatismo não é um assunto novo para os gaúchos, assim como as reivindicações dos separatistas, e também dos federalistas, parecem ser as mesmas. No passado, a Revolução Farrapo, iniciada em 1835, enfrentou durante dez anos o governo central acusando-o de mau emprego do dinheiro público, de gastos supérfluos e de onerar o Rio Grande do Sul com impostos. O estado sentia-se explorado economicamente pelo centro e, em 1836, o líder farrapo Bento Gonçalves lançou um manifesto às nações civilizadas comunicando a Proclamação da República Rio-Grandense.

O objetivo dos revolucionários era alcançar a independência política com relação ao centro, mantendo os laços econômicos com o resto do país. Em 1839, a Revolução se estendeu até Santa Catarina e lá foi proclamada a República Juliana. Devido ao temor dos estancieiros gaúchos de, rompendo com o poder central, porem em perigo a ordem servil das tropas farrapas, a Revolução entrou em declínio. Em 28 de fevereiro de 1845, foi assinada a Paz de Ponche Verde que oferecia aos revolucionários anistia geral e paz honrosa.

Estes fatos históricos são lembrados pelos separatistas de hoje para legitimar a nova República Federal do Pampa. Segundo Irton Marx, o tratado assinado em 1845 entre os farrapos e o governo central, faz concessões de paz mas não põe fim à República Rio-Grandense. "Nós existimos de fato e de direito desde 11 de setembro de 1836", diz Irton Marx, lembrando que a República Rio-Grandense "foi reconhecida pela Argentina e pelo Uruguai".

Federalismo nasce das cinzas do separatismo

Aproveitando o impacto causado pelo movimento separatista, após a edição do Fantástico do dia seis de junho, um grupo de intelectuais e políticos gaúchos lançaram o Movimento Federativo. Em vez de separar, os Federalistas querem a descentralizar o poder e dar autonomia aos estados e municípios.

A RBS, O Deputado Estadual Sérgio Zambiasi e o Jornalista Paulo Santana estão entre os que apóiam o movimento.

Paulo Gilvani

Enquanto as idéias de Irton Marx eram debatidas pelos políticos e pela população e combatidas pela Polícia Federal, nascia no Rio Grande do Sul outro movimento. No dia seis de Julho, na Biblioteca Pública do Estado, foi lançado o Movimento Federativo, que rejeita qualquer comparação com o separatismo.

Mário Bernardino Ramos, ex-prefeito de Caxias do Sul e membro da coordenação do Movimento, rejeita qualquer comparação com os separatistas. Mas Irton Marx foi "um touro que investiu contra um muro e abriu as portas para o nosso movimento, que não é separatista", admite Ramos.

DESCENTRALIZAÇÃO

O Movimento Federativo acredita que a solução para os problemas do país passa pela descentralização. Os Federalistas querem ver aplicado o texto da Constituição Federal em que caracteriza a nação como uma República Federativa do Brasil. "Nós queremos que a união delegue para os estados e municípios competência e poderes que ela detém com exclusividade", sintetiza o ex-prefeito.

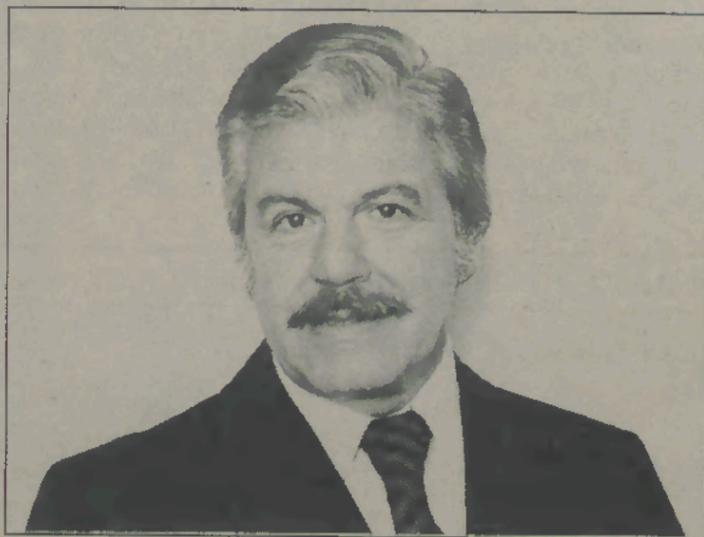
No sistema Federativo, os estados terão o poder de legislar sobre a própria realidade, definir os seus códigos civil, penal, processual, comercial e tributário.

Apesar da proposta Federalista não ter semelhança à do separatismo, o diagnóstico da realidade do país é a mesma. Os Federalistas entendem que o Brasil, com suas dimensões continentais, tem diferenças abismais de hábitos, usos e costumes e conceituação de valores. Para eles, não há nenhuma possibilidade de um país como o Brasil dar certo sendo objeto de uma legislação centralizada, "que tenta legislar para a realidade de Manaus e para a realidade de Santa Vitória do Palmar", compara Ramos.

PROPOSTAS

Para Mário Ramos, o Salário Mínimo não é hoje suficiente para suprir as necessidades básicas da população porque, fixando um valor maior, alguns estados não conseguiriam pagar. Isto impede, por exemplo, que os estados do Sul do país adotem um Salário Mínimo à altura da economia da região. Na questão da Previdência, os Federalistas querem vê-la descentralizada, nas mãos dos trabalhadores e dos empresários, administrada por pessoas escolhidas pelos dois segmentos. A fixação do preço mínimo de cada produto agrícola também seria competência do estado.

Num sistema Federativo, o papel do Governo Federal é de representação externa, diplomática. Internamente, cabe a função do comando das Forças Arma-



Mário Ramos quer o poder descentralizado

das. Para cumprir estes papéis, o Presidente da República governa com o orçamento gerado por apenas um imposto, o Imposto Federal. Qualquer outra definição, econômica, política, educacional ou cultural fica a cargo dos estados.

O Movimento Federalista nascido no Rio Grande do Sul tem como referência o modelo Americano, "adaptado à nossa realidade", apressa-se em explicar Mário Ramos. Lá o Federalismo permite, por exemplo, que em estados mais conservadores o aborto seja considerado crime. Nos estados mais liberais, o aborto é legalizado. A pena de morte é outra questão que tem aplicação diversa. Em alguns estados a legislação permite a punição com a pena capital. Em outros, o limite é a prisão perpétua.

ORGANIZAÇÃO

Lançado recentemente, o federalismo desejam alçar vôo mas manter os pés no chão. O movimento aceita adesões de qualquer cidadão, mas descarta a participação de quem quizer dividendos políticos com a defesa da proposta. Baseado nas últimas pesquisas de opinião em que os políticos não gozam de uma boa reputação, o movimento quer evitar vinculações partidárias e pretensões políticas pessoais. A coordenação do movimento chegou a assinar um termo de compromisso que estabelece que nenhum dos seus 12 membros vai concorrer às próximas eleições. Entre os coordenadores estão, além de Mário Ramos, Décio Freitas, Mozár Pereira Soares, Amadeu Weiman, Eduardo Palioli, Rudi Borgueti e Nico Fagundes.

Em relação à sustentação financeira do movimento, a coordenação garante que não há qualquer tipo de contribuição que não seja de simpatizantes. O objetivo é conseguir a auto-sustentação financeira através de eventos políticos-sociais. No dia 20 de julho foi realizado um jantar no CTG 35, em Porto Alegre, com a participação de aproximadamente 200 pessoas.

A mobilização do Movimento Federativo tem como objetivo a organização de uma ação imediata na Revisão Constitucional, prevista para outubro deste ano. Está sendo elaborado um documento com reivindicações para ser entregue aos Deputados Federais e Senadores. Mário Ramos acredita que até a entrega deste documento, o Federalismo terá ganho espaço suficiente para exercer pressão sobre o Congresso Nacional. Para isso, o ex-prefeito de Caxias conta com a participação dos jovens. "A juventude que foi às ruas para dizer o que não queria, uma vez conhecidos os propósitos da doutrina Federalista, que voltem às ruas para pedir que o congresso adote medidas que dêem a autonomia que os estados e municípios precisam", conclui.

ADESÕES

Apesar do movimento ainda estar engatinhando, houve quem felicitasse o seu nascimento através de uma publicação de destaque nas páginas da Zero Hora do dia 11 de Julho. Esta manifestação não teria maior significado não fosse a opinião da própria empresa jornalística.

No seu editorial, a RBS declara que "a causa é nobre e representa uma antiga aspiração do povo brasileiro...", dizendo ainda que o movimento será bem-vindo, "desde que seus integrantes não o confundam como uma nova alternativa de separatismo". Mais adiante, o jornal avalia que a descentralização de poderes "se constitui na única alternativa de funcionamento eficaz do sistema presidencialista".

O surgimento do Federalismo sensibilizou outras personalidade importantes da sociedade gaúcha. No jantar realizado dia 20 de julho, estiveram presentes o Deputado Estadual Sérgio Zambiasi, o Deputado Federal Victor Faccioni e o Jornalista Paulo Santana. Antes disso, o movimento já contava com a simpatia do Presidente do Instituto de Altos

Estudos da Universidade de São Paulo (USP) Jacques Marcovith, que quer conhecer as idéias federalistas e os limites da autonomia dos estados que está sendo defendida pelos gaúchos.

ALTERNATIVA

Segundo Mário Ramos, alguns separatistas, diante dos acontecimentos recentes, estão vendo o Movimento Federalista como alternativa. Antonio Domingues, o "Domingão" é um separatista de berço. Já participou da tentativa de legalizar um partido separatista, o Partido da Revolução Farroupilha (PRF). Esta idéia morreu no nascedouro. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não concedeu o registro do partido porque violaria o artigo primeiro da Constituição Federal, que estabelece que o Brasil é uma República Federativa e que os estados são indissolúveis. "Domingão" abandonou o PRF e atualmente preside o Movimento Pátria Livre. Este movimento, ao contrário do liderado por Irton Marx, quer a formação de um país só com o Rio Grande do Sul, sem Santa Catarina e Paraná.

"Domingão" não abre mão de ter o hino e a bandeira Rio-Grandense como símbolos no estado, mas vê com simpatia a idéia Federalista. "Nós aceitamos isto tranqüilamente", acrescentando que o Brasil copia dos Estados Unidos só o que não dá certo. "O Federalismo, que está provado que dá certo, o Brasil não copia", lamenta Domingão.

E para quem pensa que os CTG's estão afinados com a idéia do Separatismo, engana-se. Na última reunião do Conselho Diretor do Movimento Tradicionista Gaúcho (MTG), realizado recentemente na cidade de Pedro Osório, foi deliberado que oficialmente os tradicionalistas são contra qualquer tentativa separatista. Já o Federalismo é visto com bons olhos, não sendo uma mera coincidência o jantar do último dia 20 ter sido realizado numa das sedes do MTG, que é o CTG 35.

SOLUÇÕES

Enquanto o país se debate na areia movediça da inflação, corrupção e da má distribuição de renda, a sociedade tenta se organizar para propor soluções. Ao poder centralizado nas mãos do Presidente da República, o Federalismo contrapõe a descentralização com maior autonomia aos estados e municípios. Ao orçamento definido apenas pelo Planalto, os Federalistas apresentam a alternativa de que cada estado tenha liberdade de legislar, fixar tributos e definir onde gastá-los.

E Mário Ramos alerta, "se não nos derem o Federalismo, dentro de 10 ou 15 anos, terão o separatismo".

Separatistas querem plebiscito em outubro

Esta matéria foi redigida em "bagualês", que poderia ser a língua oficial de uma improvável República do Pampa. Qualquer dúvida, consulte o glossário.

Leonardo Schneider, macanudo às pampas

Irton Marx, o presidente do Conselho de Estado da proclamada "República do Pampa", afirma que o movimento separatista vai promover um plebiscito em todos os municípios da Região Sul do Brasil em outubro.

O referendo consultaria a população sobre a instauração do novo país e teria respaldo apenas na vontade popular, sem achego na Justiça Eleitoral. "A voz do povo é a voz de Deus, não existe lei maior do que isto", sentencia o líder. "Vamos precisar de voluntários para organizar distritos, vilas, cidades para que, de forma democrática, as pessoas acorram às urnas munidas de seus títulos eleitorais. Vamos pedir à imprensa que fiscalize a condução das urnas e o escrutínio. Os custos serão financiados pelos próprios separatistas". Para Irton Marx, o plebiscito e a suposta aprovação popular vão abrir cancha para a República do Pampa rumbear em meia-rédea para o aparte. Em dezembro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, acolherados, negariam estribo ao Brasil.

Realizar este plebiscito plenamente será uma dura de pelar. A consulta fere o artigo 5 da Constituição Federal sobre a indivisibilidade da União. Contrapondo a lei, a votação só deverá ocorrer em alguns municípios, e assim mesmo de chiripa. A Polícia Federal com certeza vai intervir - se não estiver em greve. No caso de tudo sair como os separatistas planejam e o povo aprovar o Pampa, Irton acredita que outros países e até a ONU reconheceriam a República e o Brasil seria forçado a dar o lado, "porque esta é a vontade popular".

Em todo o causo, **Três por Quatro** negaceou no partidador e largou na frente. Acampou-se a realizar a primeira pesquisa eleitoral sobre o possível plebiscito, lá no entrevero da Esquina Democrática. O romaneio dos resultados está no quadro. De 300 entrevistados, 188 abancaram-se no cepo dos contra e deram luz nos 92 separatistas. Outros 20 redemoinharam e não se decidiram. Pelo visto, se depender de Porto Alegre, a República do Pampa vai afocinhar. Com um resultado destes, o plebiscito bancaria na rédea.

Durante a consulta, um travesti fachudaço, trajado de prenda, fincou pé contra o aparte. Um outro senhor disse que não era a favor do separatismo, era contra a anexação da República Riograndense pelo Brasil, ocorrida em 1845.

ÀS DEVAS - Por outro lado, o Rio Grande não é só Porto Alegre. O interior é mais dedicado à cultura gauchesca e provavelmente tem mais adeptos do Movimento Pampa. Na capital, este tipo cultor do folclore gaudério está representado nos freqüentadores de CTG, clientes do bolicho Pulperia e espectadores do

Galpão Crioulo, Fogo de Chão, Galpão Nativo, Querência e Bailanta. Foram eles que se mobilizaram para eleger a estátua do Laçador como símbolo de Porto Alegre. Nós fomos à gravação do programa Galpão Crioulo campear opiniões. Lá, separatismo era cambicho e ganhou de boqueirão, dando uma tuzina

nos contra. Foram 75% a favor e apenas 16,66% contrários à criação da República Federativa Pampa (veja quadro). Um bagual, ainda, respondeu que "depende das circunstâncias em que o casal se encontra. Se marido e mulher não se acertarem, aí eu sou a favor do separatismo". A la pucha, ele não estava usando

metáfora! Esclarecida a diferença entre separatismo e separação matrimonial, ele não soube opinar. Já dá para ver que a idéia de independência da região não é égua falhada e se espalhou como andaço em alguns segmentos da sociedade. Diversos entrevistados, no entanto, comentaram que o Irton Marx está fazendo tudo muito a la loca.

Antonio Augusto Fagundes, apresentador do Galpão Crioulo e diretor do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, disse que percebe, em suas andanças, que, "de uma maneira abstrata, idealística, a grande maioria dos gaúchos é separatista". A principal causa é o sentimento de injustiça em relação à distribuição de verbas. "Nós geramos recursos aqui que vão para os estados do Nordeste, não para o sofrido e bravo povo nordestino, mas para a mão de coronéis e caudilhos políticos, ladrões, vigaristas, exploradores do povo, para estes cofres já recheados do Collor, dos Malta, do Inocêncio, do PC Farias". Enquanto as guaiacas destes alarifes boleiam na graxa, o Rio Grande do Sul está cada vez mais areado e despilchado. Na carpeta de Brasília, nosso estado fica a la cria, com os investimentos federais em nosso estado adelgacando. E estes chimangos seguem como agregados que não ajudam na lida. "Carreiam para seus estados a parte mais gorda do churrasco brasileiro", diz Nico Fagundes. E o povo nordestino broqueado.

A posição do apresentador não é separatista, como pode parecer. Segue uma alternativa viável para findar a insatisfação do povo gaúcho: o federalismo. "É hora de salvar o Brasil e não de se separar dele. É hora de reforçar a autonomia dos estados. Nossas estradas estão sucateadas, a aplicação de recursos federais é quase zero, nós sempre mendigando em Brasília. A república federativa no Brasil é só de boca. O que nós temos, na verdade, é uma monarquia centralizada".

Esta parece ser uma vereda menos traumática para os estados e para o país: tirar o sul da canga afivelando o federalismo. Curar nossas basteiras. Mas tem que tomar prumo, porque a gauchada parece estar de faca na bota. Se os aspas tortas continuarem a se fazer de chanco rengo, este povo pode ficar aporreado, com os ânimos mais afiados do que aspas de boi brasino. Porém, se não deixarem o Rio Grande à sogá, Irton Marx vai bater o alcatre ainda brasileiro.

Amansados os pingos, pelo separatismo ou federalismo, não mudará muita coisa para a peonada. Não é questão de estar ou não com a potra. O causo é que, em vez de apartar a tropilha entre os patrões deste mundão de Brasil, o ferro em brasa terá a marca dos patrões destes pagos. E para a bagualada en general? Culo!

O que vai na caixola dos viventes

1. ESQUINA DEMOCRÁTICA

	A Favor	Contra	Não Sabem	Total
Nº Entrevistados	92	188	20	300
Proporção (%)	30,66	62,66	6,66	100

2. GALPÃO CRIOULO

	A Favor	Contra	Não Sabem	Total
Nº Entrevistados	9	2	1	12
Proporção (%)	75	16,66	8,33	100

GLOSSÁRIO

ACHEGO - Amparo	BAGUAL - Rude, selvagem
ABRIR CANCHA - Abrir caminho	FALHADA - Fêmea que não dá cria
RUMBEAR - Seguir um rumo	ANDAÇO - Doença que se espalha
MEIA-RÉDEA - Disparada, viagem acelerada	A LA LOCA - À moda migueirão
APARTE - Separação	GUAIIACA - Bolsa de couro para guardar dinheiro
ACOLHERAR - Juntar 2,3 ou mais animais	ALARIFE - Esperto, vivaldino
NEGAR ESTRIBO - Não se deixar montar	BOLEAR NA GRAXA - Engordar
DURA DE PELAR - Difícil	AREADO - Sem dinheiro
CONTRAPONTEAR - Contestar, contrariar	DESPILCHADO - Empobrecido
DE CHIRIPA - Só por sorte	CARPETA - Onde se joga a dinheiro
DAR O LADO - Deixar que passe	A LA CRIA - Ao Deus dará
NEGACEAR NO PARTIDOR - Tentar vantagem de saída	ADELGAÇAR - Emagrecer
ACAMPAR-SE - Dedicar-se	CHIMANGO - Ave carnívora
ENTREVERO - Mistura, confusão	AGREGADO - Mora junto como favor
ROMANEIO - Relação, lista, rol	LIDA - Trabalho
ABANCAR-SE - Dedicar-se	BROQUEADO - Faminto
CEPO - Banco de galpão	NA CANGA - Dominado
DAR LUZ - Ganhar com vantagem	AFIVELAR - Combinar, firmar contrato
REDEMOINHAR - Andar em voltas	BASTEIRAS - Feridas no lombo
AFOCINHAR - Cair batendo as ventas no chão	ASPAS TORTAS - Trapaceiros
BANCAR NA RÉDEA - Encerrar assunto	FAZER-SE DE CHANCHO RENGO - Simular defeito
FACHUDAÇO - Com pose, garboso	APORREADO - Indomável
ÀS DEVAS - Jogar para valer, às ganhas	BRASINO - Boi vermelho com fama de brabo
BOLICHO - Botequim	À SOGÁ - Esperando
CAMPEAR - Procurar	BATER O ALCATRE - Morrer
CAMBICHO - Paixão violenta	PINGO - Cavallo
DE BOQUEIRÃO - Vitória com grande vantagem	PEONADA - Assalariados da estância
TUZINA - Surra	ESTAR COM A POTRA - Ter sorte
	TROPILHA - Cavalhada da mesma espécie
	BAGUALADA - Coletivo de bagual
	CULO - Indica derrota no jogo do osso

Fonte:

BRAUN, Jayme Caetano. *Vocabulário pampeano*. Porto Alegre, Edigal, 1988.